

BRASIL - PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1908

N.º 232

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editoras», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Exposição Nacional do Brasil



Duas datas historicas

Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

A arte portugueza na Exposição

A Exposição Nacional do Rio de Janeiro consagra hoje mais paginas o *Brasil-Portugal*. E com o mais intimo prazer regista o facto honrosissimo para Portugal de ter sido universalmente considerado o *clou* da Exposição o pavilhão annexo consagrado á arte portugueza.

Enche-se-nos o coração de jubilo ao evocar este assignalado triumpho obtido pelos artistas portuguezes no grande certamen em que só Portugal foi distinguido e honrado, porque só ao paiz irmão quiz o Brasil conceder um lugar em que os seus productos agricolas, as suas manufacturas, as suas grandes obras d'arte, podessem exhibir-se perante nacionaes e estrangeiros.

E' pois ao annexo portuguez, ao pavilhão de arte nacional portugueza, que cabe na Exposição do Brasil o lugar de honra. E o *Brasil-Portugal* que ha dezeseis dias celebrou com todo o entusiasmo a abertura da Exposição do Rio de Janeiro, celebra hoje o acontecimento transcendente, a gloria conquistada pelos artistas portuguezes que acabam de mostrar ao Brasil, ás duas Americas, que em Portugal o espirito artistico succedeu ao espirito aventureiro, e que ás guerras e ás conquistas do passado correspondem hoje as luctas de trabalho e as victorias da arte, com que os portuguezes do nosso

tempo, nobilitando as tradições do passado, honram o presente e preparam o futuro.

A minuciosa descripção que faz do annexo a *Noticia*, do Rio de Janeiro, por tal fórma deve interessar não só a artistas mas a quantos amem a arte, que reproduzi-la julgamos um dever. São estas as palavras do jornal brasileiro:

Dr. Affonso Peña



Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

Uma das secções mais interessantes e certamente mais apreciadas da Exposição, que hoje se inaugurou, vae ser occupada pelas bellas artes portuguezas. E' não só grande como variadissima, e n'ella figuram todos os grandes artistas hodiernos do reino. O pavilhão em que ella está, logo ao lado do theatro, não é de certo tão imponente como aquelle em que figuram as industrias portuguezas e fica ao lado da antiga Escola Superior de Guerra, e isso se explica porque já foi feito como um annexo, primitivamente destinado tambem a manufacturas e depois designado para a bellissima exposição de arte que lá está. Mas com lhe faltar a imponencia do chamado Pavilhão Portuguez, todo em estylo manuelino, o annexo é ainda digno de admiração pelo seu gosto sobrio em que desaparece todo o signal da rapidez com que foi feito e até serve para realçar o primor da exposição que encerra.

Para o publico brasileiro, que tão lamentavelmente abandona as nossas exposições de bellas artes, a Exposição Portugueza vae ser uma brilhantissima revelação do velho genio luzitano, sempre tão forte nas suas manifestações de arte, sempre tão independente e tão saturado d'essa poesia dulcissima feita da melancolia dos mares por onde se aventuraram os descobridores, da alegria dourada e fecunda dos trigaeos e da suggestão de sonho e de extase do céu que se desfaz em sol e em estrellario por sobre essa amorosa terra de Portugal. Seguramente, áparte alguns nomes que são hoje como reliquias da nossa arte, nós não conhecemos bem os nossos artistas e não sabemos da existencia de muitos



Barão do Rio Branco

Ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos do Brasil



Dr. Miguel Calmon

Ministro da viação e obras publicas dos Estados Unidos do Brasil

talentos cujas produções andam pelos vidraceiros e espelhos da cidade a troco de alguns vintens para um almoço menos frugal que os do jejuador Succí, que aliás se veio a descobrir que se alimentava com extracto de carne concentrada.

Mas se isso succede com os nossos artistas, peor ainda acontece com os artistas portuguezes, não em Portugal, onde a burguezia tem

ctonicos, porque foi elle quem dispoz tudo aquillo, distribuindo a luz, evitando as sombras, sempre prejudiciaes á contemplação pictural, combinando as côres das paredes, determinando os motivos da ornamentação. E pôde dizer-se que o seu talento e o seu bom gosto se esmeraram n'esse trabalho, feito em curto espaço de tempo.

No que ha exposto sente-se bem que não houve a intenção de fa-



Dr. Tavares de Lyra

Ministro da Justiça dos Estados Unidos do Brasil



Dr. David Campista

Ministro da Fazenda dos Estados Unidos do Brasil

o bom gosto de apreciar as artes, aprecial-as e pagal-as, mas aqui, onde até para os nossos somos tão indifferentes. Acreditamos mesmo que entre os nossos pintores e esculptores e os intellectuaes poucos conhecerão a evolução das bellas artes portuguezas, a não ser na sua feição mais commercial, a das artes applicadas. E até para esses a Exposição do Annexo vai ser uma encantadora revelação. Jorge Colação, o distincto artista que expõe os seus lindos e famosos azulejos, é por assim dizer o auctor d'essa verdadeira maravilha que é interiormente o Annexo, em cujo ambito a gente se sente atordoadamente seduzido por mil e uma sollicitações do genio luzitano multiplicado por centenas de quadros, estatuetas, vitraes, planos archite-

zer propriamente uma exposição commercial, mas uma exposição realmente de arte bem verdadeira, bem independente de preocupações pecuniarias e sobretudo patrioticamente empenhada em paten-tear a pujança do talento portuguez. E graças a isso a exposição é forte, attestando um vigor de arte todo em contraste com a decadencia portugueza, que é sempre a affirmação e o thema dos politicos que estão debaixo e querem subir para salvar a patria. Para provar a pujança dos elementos da vida que Portugal conta, apesar das lamentações das suas cassandras politicas, lá está o Pavilhão Manoelino lembrando um tempo de extraordinaria expansão e abarrotado de productos industriaes que reallirmam solemnemente essa vitalidade. Para attestar modernamente a robustez intellectual d'esse povo viril que tanto pelejou como tangeu a lyra, «braço ás armas feito, mente ás musas dada», lá está o Annexo. O jury de admissão não



Marechal Hermes da Fonseca

Ministro da Guerra dos Estados Unidos do Brasil



Almirante Alexandrino de Alencar

Ministro da Marinha dos Estados Unidos do Brasil

podia ser melhor, nem mais rigoroso, constituído como foi por Simões de Almeida, o magnífico esculptor; Jorge Collaço, que agora é nosso hospede; Carlos Parente, um illustre architecto, e José Velloso Salgado e Constantino Sobral Fernandes, dois distinctíssimos pintores.

Do que essa comissão trabalhou dá bem idéa o catalogo illustrado em que se vêem reproduzidas muitas das produções expos-

Costa, Domingos Costa, Julio Costa, Sobral Fernandes, D. Lucia Grave, Moura Gyrao, D. Alice Lima, D. Esther Machado, Malhoa, Joaquim Marinho, D. Branca Marques, David de Mello, Thomaz de Mello, Eduardo Moura, D. Bemvinda Pinto, Manuel Pinto, Julio Ramos, Carlos Reis, Ribeiro Junior, D. Maria Roberto, D. Margarida Romão, José Salgado, Antonio Manuel da Saude, Viscondessa de Sistello, Souza Pinto, Torquato Pinheiro e João Vaz.

Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro



O Presidente da Republica dirigindo-se para o pavilhão de machinas do Estado de S. Paulo

tas. Com effeito elle accusa a existencia de 161 quadros e assignados por D. Carlos, o mallogrado monarcha; a rainha D. Amelia, Almeida e Silva, condessa do Alto Mearim, D. Virginia Avellar, D. Laura Bandeira, Julio Teixeira Bastos, D. Emilia Braga, Augusto Brandão, José de Brito, Abel Cardoso, Joaquim Luiz Cardoso, Antonio Carneiro, Columbano, Condeixa, Corte Real, Antonio José da

A esculptura está magnificamente representada por José Fernandes Caldas, Thomaz Costa, Costa Motta, tio e sobrinho, duqueza de Palmella, João da Silva, Teixeira Lopes e Julio Vaz, contendo dezoito admiraveis trabalhos, de que se destacam, entre os annotados n'uma primeira impressão, o *Commercio e Navegação*, de Teixeira Lopes; *Bernardim Ribeiro*, de Costa Motta, *O abraço de poeta*, da



Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

Sahindo do Pavilhão Central: — membros do corpo diplomático, Nunes da Silva, commandante do «D. Amelia» e outros officiaes e os membros da comissão portugueza da exposição, Alvaro Thedim Lobo, Gabriel Carregal, Lorjô Tavares, Jorge Collaço, Leo da Affonseca, etc.

duqueza de Palmella e o *Fiat-lux*, da mesma artista. A secção de architectura não é menos brilhante. N'ella figuram sessenta e sete trabalhos dos seguintes architectos: Antonio Couto, Silva Gomes, Raul Lino, Alvaro Machado, Norte Junior, Francisco Carlos Parente, Arthur Manuel Rato, José Marques da Silva e Ventura Terra. D'este ultimo lá está o projecto feito para o Congresso Brasileiro.

Bordallo Pinheiro, com lenços e cabeções de estylo; Joaquim Luiz Cardoso, com bellos azulejos; D. Hermengarda de Carvalho, com um biombo; Jorge Collaço, com os seus admiraveis azulejos; Giovanni Christofanetti, com varios objectos; Leitão & Irmão, com uma riquissima e finissima joalheria; D. Maria Lima, com um leque; José Emygdio Maior, João Joaquim Monteiro e João da Silva.



Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

Visita do Presidente da Republica ao Annexo Portuguez de Bellas-Artes

Dos outros são bellissimos a *Egreja Monumento à Immaculada Conceição*, de Alvaro Machado; a *Egreja*, em estylo romantico, de Francisco Carlos Parente; *Palacio real*, de Silva Gomes, e o *Circo equestre*, de Francisco Carlos Parente.

Na secção de pastel e desenho figuram apenas quatro expositores: Augusto Bobonne, José Malhòa, Joaquim Teixeira Marinho e

A simples ennumeração dos expositores e dos seus trabalhos não pode, porem, dar ideia do valor da exposição de Bellas Artes Portuguezas.

No *vernissage* hontem realizado por iniciativa da commissão composta dos srs. commendador Alvaro Thedim, barão Pires da Silva, Lorjò Tavares, Manuel Gomes da Costa Pereira, commendador



Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

Depois da solemnidade da abertura — O Presidente da Republica e a sua comitiva retirando da exposição

Mattoso da Fonseca. A aguarella é representada por José de Brito, Roque Gameiro, Alfredo Guedes, Moura Gyrão, Joaquim Teixeira, Marinho e Ribeiro Arthur. A secção de arte applicada, onde tambem ha trabalhos magnificos, é occupada por D. Francisca de Andrade, com um bordado à escomilha em seda branca; Leopoldo Battistini, azulejos figurando uma passagem dos Luziadas; D. Maria Augusta

Léo d'Afonseca, Julião Machado, commendador F. de Souza Belfort, João Lopes Chaves, Jorge Collaço e Luiz Vidal, não houve decerto tempo para mais que uma impressão de conjuncto no meio d'aquellas galerias repletas. Mas essa impressão foi tal, que não é temerario garantir a essa exposição de arte o mais completo successo. Pena é que tambem a nossa Academia não promovesse a apresentação dos



Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

No dia da abertura

A comissão portuguesa á porta do Anexo de Bellas Artes aguardando a chegada do Presidente da Republica

nossos artistas, tão dignos de figurar n'essa prova da nossa evolução em cem annos.»

O que é a Exposição — Pavilhões — Attractivos

A grande porta monumental da Exposição

Tem uma altura total de 25^m,15 desde a base até á parte superior das armas brasileiras collocadas no centro e no topo do portão.

A base do formoso portico mede 29^m,75.

Um grande arco central é apoiado em columnas, duas de cada lado, e estas separadas uma da outra, de fórma a darem facil accesso aos visitantes.

O arco central, que é o mais largo, serve sómente para a sahida de peões.

Ao arco segue-se uma rotunda semi-circular, espaçosa, abobadada, indo a abobada apoiar-se em quatro pilares, pelo lado posterior, e ligando-se, pela frente, ao arco principal.

As duas columnas que rematam o grande portão, á direita e esquerda, medem 24^m,95 de altura até á base dos mastros dos galbar-detes.

As tintas escolhidas para a pintura do portão monumental, nas quaes predomina a violeta, obedeceram á necessidade dos effeitos a tirar da illuminação. Mais de oito mil focos electricos foram distribuidos por todo aquelle conjuncto, uns com lampadas brancas, outros revestidos com balões coloridos, feitos de cellulóide, amarelltos, verdes, vermelhos, etc.

O "Chateau d'eau,"

Fronteiro ao grande portão de entrada e collocado ao centro do Pavilhão da Industria, o *Chateau d'eau* dá aos visitantes a impressão de que está gozando um d'esses bellos sonhos de fadas das *Mil e uma noites*.

A agua corre em grande quantidade da parte superior, sahindo de pontos differentes, formando varias cachoeiras, e assim vem correndo por seis tanques sobrepostos e distanciados uns dos outros, até cahir no ultimo, de grandes dimensões. Naiades emergem d'este ultimo, arrojando a agua em diversas direcções. Focos electricos, coloridos, põem n'esse constante e complexo movimento de aguas, os cambiantes mais variados. Ora se imagina ver correr um rio de rubis, ora outro de esmeraldas e opalas.

E fica-se alli, enlevado na contemplação d'aquelle panorama delicioso, que os pinceis mais habeis não logram reproduzir!

Para o funcionamento do *Chateau d'eau* trabalham poderosas bombas mecanicas, aspirantes e prementes, que recebem a agua quando ella chega ao tanque inferior e a conduzem ao grande deposito collocado na parte mais alta do edificio, d'onde ella volta a cahir em formosas cachoeiras.

Pavilhão da imprensa

A Exposição da Imprensa promovida pelo Instituto Historico tem merecido a mais viva sympathia do publico que muito se tem interessado pelo desenvolvimto que o jornalismo tem tido no Brasil.

A vasta sala da antiga Escola Superior de Guerra apresenta colleccionados cerca de 15:000 exemplares differentes desde o Acre até Matto Grosso.

Vêem-se alli periodicos de todos os matizes: politicos, recreativos, humoristicos, litterarios, desde o formato de 1/4 de papel até ás proporções ainda ha pouco usadas pelo *Jornal do Commercio*.

São varios os expositores; mas os que apresentaram maior numero de *specimens* foram a Bibliotheca Nacional e o Instituto Historico do Rio de Janeiro, o Estado de Pernambuco, que expoz a valiosa colleção de sua Bibliotheca Publica e o Estado do Amazonas que concorreu com a numerosa e estimada colleção do coronel João Baptista de Faria e Souza.

Quem examinar com cuidado os jornaes expostos encontrará, além da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que foi a primeira publicação

imprensa no Brasil, outros periodicos antiquissimos como «A Idade de Ouro do Brasil», de 1811 (Bahia), o «Compilador Mineiro», de 13 de outubro de 1823, «A Matutina Meyapontense» (Goyaz), de 5 de março de 1830, «A Aurora Pernambucana» de 1821, «O Jornal do Timon» (Maranhão) de 1862, «O Telegrapho» (Oeiras), de 21 de novembro da 1839, «O Mercantil» (Petropolis) de 5 de janeiro de 1858, «O Catharinense» de 18 de agosto de 1832, «Jornal do Commercio» (Rio de Janeiro) 1 de outubro de 1827 e outros representados pelos seus primeiros numeros.

Pavilhão do districto federal

N'este pavilhão observa o visitante, entre muitas outras as seguintes preciosidades historicas:

Vara de Amotecel, livro de ouro, e cinco livros de memorias regias de 1812 a 1828, mandatos de pagamentos de 1793 a 1800, Autos de inauguração do Matadouro de Santa Cruz, de 1882 e do Paço Municipal de 1882, termo de juramento e posse de 1881 a 1892, onde se acham lavradas diversas actas de posse e a da proclamação da Republica, Termo de juramento prestado por Sua Magestade El-Rei aos tribunaes e mais habitantes do Rio de Janeiro, Constituição feita pela cõrte de Portugal em 1821, Ordens regias de 1750 a 1793, Rendas do Senado e da Camara de 1799 a 1891 e Provisões de 1566 a 1589.

Pavilhão de Minas Geraes

E' de arestas vivas, com um movimento de fachadas que se encontram em angulo recto, elevando em pyramide quadrada a sua torre de 57 metros de altura, encimada por um poderoso foco electrico com a força illuminativa de 13:200 velas, conseguida pela reunião de 160 lampadas incandescentes encerradas dentro de uma esphera. Ha além d'isso 8 holophotes poderosos. Como se vê, Minas altiva, do ponto mais alto da Exposição espargue luz. E' a estatua da liberdade illuminando o mundo e particularmente Botafogo. O pavilhão de Minas tem ainda uma escadaria interna e mais acima uma varanda de onde se gosa uma linda vista. N'este pavilhão nota-se uma abundancia de symbolos: a esphera, por exemplo, representa a civilização e o progresso; ao lado ha uns cavallos alados, em attitude de quererem refer ao Progresso a sua marcha triumphal; mas ha tambem, logo alli, uns genios que reteem os cavallos. Os arredores do pavilhão são ajardinados, com os melhores *specimens* da flora e da fauna de Minas Geraes.

Pavilhão da Bahia

E' o primeiro que se vê á direita da exposição, depois do grande Pavilhão Central destinado aos estados brasileiros que o não teem. Foi desenhado e construido pelo engenheiro Dr. Rafael Rebecchi.

Predominam n'esse pavilhão as curvas, recurvas, em gracioso

Typos de belleza



Madame e mademoiselle Landsberg

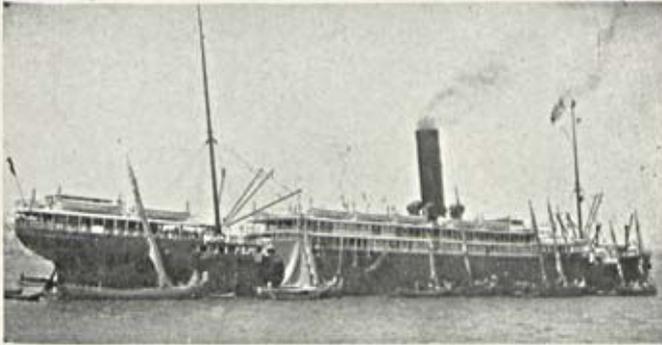
sas combinações. E' de extraordinaria elegancia, ostentando no exterior uma caprichosa escadaria.

Essa escadaria, que se eleva de um e de outro lado do edificio, dá a este extraordinaria graça.

A fórma do pavilhão é a de um corpo central, redondo com pequenos corpos salientes, quer na frente quer aos lados e atrás.

Do primeira d'esses corpos salientes se desenvolvem as escadarias que, começando em um lance recto de alguns degrãos, logo se

Visita a bordo do paquete "Orcoma,"



O paquete «Orcoma»

encurvam, depois de um patamar, pelos lados do pavilhão, cujo desenho acompanham.

Os dois primeiros lances, o que parte do nível do terreno, e o que se segue ao patamar, são de alvenaria de tijolo revestido de cimento; este ultimo pára em um segundo patamar, ao fim do corpo saliente, e liga-se a outro de ferro, ajustado aos flancos da rotunda e que vae terminar, por sua vez, em um derradeiro patamar, tambem de ferro, que dá accessõ ás portas lateraes do andar superior do pavilhão.

E' de quatrocentos e cincoenta metros quadrados a superficie total do edificio, sendo a sua altura de 38 metros.

São tres os seus andares, sendo o terreo destinado á exposiçõ de preciosas madeiras da Bahia, ao escriptorio administrativo e a outros diversos usos; o segundo ou andar nobre, com 11^m,50 de altura interna, todo ornamentado com pinturas, quadros, retratos, vistas panoramicas, pannos e moveis do mais refinado gosto e de alto luxo, é destinado a reuniões, festas, recepções, etc.; o terceiro, finalmente, é formado por uma varanda interna, rodeando o grande salão central, e por um vasto terraço exterior, de onde se vêem os outros pavilhões e edificios da Exposiçõ.

Ha, no patamar terreo da escadaria, a entrada para uma gruta, cujas paredes, revestidas de crystaes mineraes, dão uma idéa da riqueza mineral do solo bahiano.

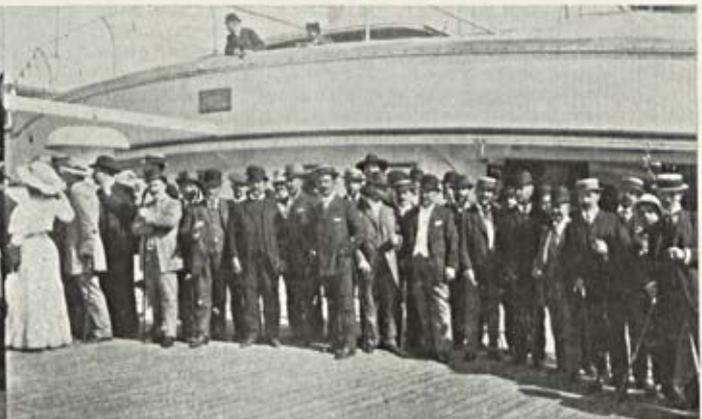
A sala central é de fórma redonda, com 13 metros de diametro, e é coberta no interior por uma lanterna de vidros corados, com desenhos geometricos, representando plantas e flores, sendo, no exterior, a cobertura feita por um alto zimbório, encimado pela estatua da Victoria.

Muitas outras estatuas são vistas no interior e no exterior do edificio, entre as quaes quatro representando a Sciencia e a Lei, a Bahia e a heroína de Paraguassú. Estas duas ultimas, que foram collocadas nas extremidades do patamar da escadaria, foram burilladas pelo escultor Rodolpho Bernardelli, director da Escola de Bellas Artes.

Ha, ao lado do Pavilhão, duas artisticas fontes, com capacidade para mil litros de agua cada uma. Ficam essas fontes collocadas ao centro de um jardim de caprichosos grammados e canteiros.



(Olicha de A. C. Lima).



Visita a bordo do paquete "Orcoma., — Os visitantes a bordo

Pavilhão dos correios e telegraphos

Occupa uma area de 150 metros quadrados e presta diversos serviços aos visitantes.

Está n'elle installada uma agencia postal e uma estação telegraphica, ambas dispondo de pessoal agil e conhecedor de idiomas estrangeiros.

Ha tambem uma agencia telephonica da Light and Power e outra telegraphica, da Western, além de uma installaçõ de telegrapho sem fio, de aperfeiçoado systema.

As repartições acima funcionam no primeiro andar do edificio, estando installadas no andar terreo as baterias de acumuladores, motores, dynamos e demais aparelhos.

No primeiro andar ha uma pequena exposiçõ de aparelhos telegraphicos, mesas e diversos outros utensilios e objectos fabricados nas officinas da Repartiçõ Telegraphica.

Entre os aparelhos telegraphicos, destaca-se um de Morse, o primeiro que se usou no Brasil.

A exposiçõ de S. Paulo

E' uma das maiores e occupa não só o grande pavilhão que o governo mandou construir para tal fim, mas tambem a grande ala direita do edificio do Pavilhão Central, enchendo completamente todas as salas e outras dependencias que ficam situadas na citada ala.

Os cafés do Governo serão expostos tambem no Pavilhão Central. São variados os productos que S. Paulo expõe, cada qual dando segura prova do progresso industrial em que se encontra a terra do



Visita a bordo do paquete "Orcoma., — Um grupo de visitantes

café e que deu a seguir tres Presidentes da Republica inclusivè o que transformou o Rio de Janeiro em uma formosa cidade que não cessa de ser elogiada.

A exposiçõ de plantas

Para dar uma idéa do que é esta parte da Exposiçõ basta dizer que n'ella figuram nada menos de 245 qualidades de palmeiras, numero ainda não attingido em exposiçõ alguma. De plantas ornamentaes o Jardim Botanico expõe 342 especies, de fetos 144, de fructíferas 112 e de madeiras de lei 144.

As plantas estão acondicionadas em vasos cujas côres as differenciam pelos grupos. Assim, as medicinaes estão em vasos de côr verde escura, as toxicas, em pretos, as cotozozas, em brancos, as ornamentaes, em vermelhos, etc.

O pavilhão onde está installada esta parte da Exposição é cercado de um jardim com grammados, palmeiras e outras plantas.

Em cima dos grammados foram collocados extensos bancos, nos



Visita a bordo do paquete "Orcoma.,
Conselheiro Fernando de Sousa e Jayme Victor,
presidente e secretario
da Sociedade de Propaganda de Portugal



Visita a bordo do paquete "Orcoma.,
F. E. Kite, commandante do paquete,
e Eduardo Ferreira Pinto Bastos, agente da C.ª do Pacifico

quaes serão depositadas as plantas que teem de ser expostas externamente.

A estufa mede cerca de 100 metros quadrados, tendo quatro entradas uma em cada face.

Tem uma serie de bancos encostados ás vidraças e quatro outras series, rodeando as quatro columnas que sustentam o telhado da estufa.

Ao centro foi construida uma pequena mas bem feita fonte, no meio da qual ha um repuxo de alguma força.

Em um dos lados do Jardim foi construido um lago, onde existem diversos peixes.



A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

LII

O mez das ferias. Considerações sobre as desigualdades d'este mundo de enganos. Porque razão teem uns ferias e outros não? Até os dignos pares trabalharam em setembro. — A questão vinicola. Uma crise que não se comprehende. Variações sobre este thema: o vinicultor vende o vinho para queimar e no entanto o consumidor paga-o a doze vintens a garrafa. A verdadeira crise. Para cá veem elles de carrinho. — A época tauromachica. Tudo como d'antes, quartel general em Abrantes. Accentua-se a decadencia. — Deus ouvirá o sr. Silva Leal. Gloria ao Altissimo e a Segurado.

Estamos no mez das ferias, que me dizem ser um mez delicioso... para quem as ferias gosa. Estudantes, professores, magistrados teem trinta dias de mandriçe auctorizados por lei, que podem gosar como e onde muito bem quizerem, em alguma casinha branca pousada como uma gaiivota sobre o rochedo de uma praia ou em algum casal cercado de vinhas, que as reparigas com largos chapéos de palha vão vindimando, braços no ar, seio arquejante, caras tostadas onde brilham olhos como brazas...

Muito sympathica esta concessão de trinta dias de descanso, a

meio do anno. Mesmo muito sympathica. Mas não me dirá alguma alma caridosa que para ahi esteja voltada, a razão porque só os srs. estudantes e mais os seus professores e os integerrimos magistrados teem descanso e os outros continuam carregando o fardo dos seus affazeres como se não fossem filhos de Deus?

O burocrata, por exemplo, esse desgraçado que passa a melhor parte da vida curvado a uma secretária n'um cubiculo sem ar, cheio de bafio, papeladas velhas e pontas de cigarro. E' justo que esse misero e mesquinho, enquanto os outros gosam de papo ao ar uma concessão odiosa, embecendo os olhos no encanto de uma payagem ou na immensidade das aguas, esteja a garatojar invariavelmente das 11 ás 4, tendo apenas como deleite de seus olhos myopes a careca do venerando chefe de repartição?

E, como estes, quantos mais? Se até este anno os dignos pares entraram por setembro trabalhando afanosamente na salvação da patria, abandonando as suas curas nas aguas, os que soffrem, as vindimas, os que teem que vindimar, para discutirem os altos problemas que muito importam á vossa regeneração politica e economica, os quaes são, como todos nós sabemos, coisa nenhuma?

Ah! que espectáculo sem igual esse que offereceu a camara alta nos ultimos dias da sessão, com uma concorrência de favor, approvando á carga cerrada canastradas de projectos que eram lidos na

Corridas de natação entre marinheiros e militares



(Clichs de A. C. Lima).

Os vencedores

2.º premio 4.º premio 1.º premio 3.º premio

mesa engroladamente, como missas pagas a doze vintens! Esse famoso projecto que interessava à agricultura nacional, o da crise vinícola, á volta do qual tanto se escreveu, tanto se berrou, tanta ameaça se fez, tanta praga se rogou — como elle passou pela discussão, qual gato sobre brazas!

A crise vinícola! O perpetuo papão! Deus me perdõe se blasphemou: mas já me vae parecendo uma santa historia, esta crise vinícola! Verdade seja que eu de vinho nada percebo. Distingo os maduros

por menos de cento e sessenta réis uma garrafa de Collares, que tem o merito especial de ser de Torres misturado com agua de outra região... Tambem muito flagellada pela crise vinícola?

Digam lá os sabios da Escriptura
Que segredos são esses da... Agricultura!

Não estão certos, os versos, mas a verdade é que a questão posta tambem está errada, erradissima, torta como um arrocho.

Corridas de natação em Leixões

Promovidas pelo Real Gymnasio Club Portuguez, Liga de Natação e Real Velo-Club do Porto para disputar a "Taça Leixões."



No molhe de Leixões. — Assistindo às corridas

dos verdes e não é sempre, porque ás vezes os maduros são azedos e os verdes... são azues. Mas pago-os e quem paga tem opinião.

Ora a minha opinião sobre a famosa crise vinícola não é das mais agradaveis para o productor por uma razão simples que passo a expor com a maior clareza.

Como demonio pode ser que o lavrador não encontre comprador para os seus vinhos, que chegue a offerecel-os a oito e a nove mil réis a pipa e não tope quem lh'os aceite por tão mesquinho preço, que se veja obrigado a vendel-os ainda por menos para queima — e que uma simples garrafa de vinho verde me custe doze vintens, isto é, que cada decilitro da tal desgraçada bebida que ninguem quer me fique por 40 réis approximadamente?

E, quando digo vinho verde, o mesmo é dizer maduro. Quem obtem

Pela minha parte declaro que vou achando brincadeira, demasiado pesada, isto de ouvir a todo o momento clamores de gente infelicitada por uma crise de abundancia que se traduz n'uma avareza desalmada. E tanto que estou prompto a juntar a minha debil voz á voz forte de alguns consumidores tezos que queiram representar ás camaras no sentido de proverem de remedio immediato este mal que se traduz n'uma crise de escassez de dinheiro para satisfazer a voracidade insaciavel de outra crise de abundancia... de vinho.

E tornem para cá com a cantiga do «paiz essencialmente vinicola» e que «no vinho está a nossa salvação» e que só «na agricultura poderemos refazer o patrimonio dissipado.»

Podem cantar as cantigas que quiserem. Eu é que não danço. Que tal está o da pinga, hein?...



Corridas de Natação em Leixões. — Grupo dos nadadores que disputaram a taça

Mais uma época tauromachica a findar e mais uma desillusão para os afficionados. Esta, como as outras, deixou tanto a desejar, que os amadores do popular divertimento ficaram a chuchar no dedo, desejando tudo.

As touradas tendem a desaparecer, evidentemente. E a melhor das razões é não poder haver touradas sem touros.

A degenerescencia do gado bravo entre nós manifesta-se de uma fórma desoladora. Os desleixos de selecção, os crusamentos e a cupidex dos lavradores, contribuem poderosamente para este estado de coisas, que eu não lamento, aliaz, sentindo-me até feliz por o constatar.

Tirante meia duzia de rezes que cumpriram a sua obrigação investindo e marrando lealmente, todos os animalejos corridos este anno na primeira praça do paiz não pediam charrua, porque não podiam pedil-a. Mas devemos levar-lhe em conta a boa vontade com que trocariam por ella a nobre missão de marrar. Mansarrões, covardes, manhosos, sabiam mais da celebre arte de Montes que todos os antagonistas com que se tinham de haver.

E não só a materia prima vae escasseando. O outro elemento, o toureiro, está, tambem, falhando muito. A'parte alguns, entradotes pela idade, e com seus creditos firmados, os toureiros de pé nada

fazem de novo. As mesmas sortes primitivas com bandarilhas e o infernal corropio com o capote, em volta da rez, a distancia muito respeitavel, não vá o demo do bicho falhar ao naípe e dar-lhe para correr sobre o adversario.

O toureio equestre cujos credits refrescaram ha annos com o apparecimento do cavalleiro José Casimiro, bom calção e atrevidissimo mancebo, que vai á cara dos bichos com o denodo de quem quer bater para segurar e varia a lide consoante o prestimo dos matutões, esse, tambem, estacionou. Os velhos cavalleiros tornam-se prudentes, por vezes demasiado prudentes, e os novos luctam com grandes difficuldades: falta de cavallos aptos para o-torneio e falta de conhecimentos da sua arte.

A continuar isto assim — e tudo leva a crer que a melhoria é impossivel — dentro de pouco tempo o Altissimo deferirá reiteradas supplicas que o sr. Silva Leal vem fazendo ha annos no Zoophilo, e



Corridas de natação em Leixões. — Os vencedores da 1.ª corrida

Da esquerda para a direita:

1.º William Wright (ganhou a «Taça Leixões»), 2.º Lacy Rumsey, 3.º Eduardo Dumont Villares

os bois recolherão ás lezírias de vez, tendo direito a reforma os corridos mais de cem vezes — que são muitos.

As touzadas a valer acabarão, mantendo-se apenas as fantochas que fazem rir a bandeiras despregadas o bom povo. E todos ficaremos contentes entoando um hymno:

Gloria a Deus nas alturas e a Segurado em Algés!

CAMARA LIMA.

O cavallo de Metzengerstein



em-se visto o horror e a fatalidade darem-se as mãos e atravessar de companhia todas as edades e todas as épocas; é pois inutil pôr data na narração que vou fazer e será sufficiente dizer que por esse tempo existia na Hungria uma grande porção de crentes na doutrina da metempsychosis. Não me quero pronunciar sobre a falsidade ou probabilidade d'essas doutrinas consideradas na sua essencia; affirmo, porém, que uma grande parte do nosso scepticismo «vien de ne pouvoir être seuls» como diz la Bruyère, referindo-se a todas as nossas desventuras n'este mundo.

Mas havia certos pontos na superstição hungara que roçavam de perto o absurdo. Elles, os hungaros, divergiam muito essencialmente dos classicos orientaes. Por exemplo. — «A alma» dizem os primeiros — cito as palavras textuaes de um sagaz e intelligente parisiense — «ne demeure qu'une seule fois dans un corps sensible. Ainsi — un cheval, un chien, un homme même, ne sont que la ressemblance illusoire de ces êtres».



Corridas de natação em Leixões. — Os vencedores da 2.ª corrida (500 metros para menores de profissão marítima)

As familias de Berlitzing e de Metzengerstein havia longos seculos que se mantinham em discordancia perpetua. Nunca até então se vira duas raças tão illustres rivalarem-se odio mortal que hostilidades a azedumes continuos cada vez exacerbavam mais.

A origem d'este odio parece deter-se nas palavras de uma velha prophacia: «Virá um dia em que um nome soberbo baqueará com terrivel estrondo, quando como o cavalleiro sobre o seu corcel, a mortalidade de Metzengerstein triumphar sobre a immortalidade de Berlitzing.»

Não ha duvida que estas palavras pouco ou nenhum sentido parecem ter, mas é certo ter-se visto cousas mais futeis dar logar a consequencias tão graves. Além d'isso os dominios que eram contiguos exerciam havia largo tempo influencia rival nos decretos de um governo activo e fecundo como o da Hungria; de resto todos sabem que vizinhos muito proximos raramente são grandes amigos e acontecia que os habitantes do castello Berlitzing podiam espreitar através das grandes vidraças do Palacio Metzengerstein, do alto das suas esforçadas muralhas, e a sumptuosidade mais que feudal assim revelada em nada contribuía para acalmar os ardores de irritada inveja que lavravam no coração dos Berlitzing de menor opulencia e menor antiguidade. Que admira pois que a archaica predição lendaria, expressa em termos absurdos, conseguisse ainda assim manter em desavença duas familias cuja disposição hostil ainda era reforçada por instigações constantes de cume hereditario!

A prophacia parecia ter subentendido como remate, um triumpho rutilante para a mais poderosa casa de Metzengerstein e d'ahi a animosidade com que o dito era repetido pela menos opulenta familia.

Wilhelm, o conde Berlitzing, era pela occasião d'esta narrativa um velho meio demente e achacado, cuja fraca individualidade só transparecia na antipatia pessoal e descommedida que mostrava pela familia rival e n'uma paixão tão delirante pelos cavallos e cães de caça que nem as enfermidades do corpo e da idade, nem a incapacidade intellectual, jámais o impediam de tomar parte nas peripicias diarias das grandes batidas nos javalis.

A idade de Frederick, o Barão de Metzengerstein, era pelo contrario muito curta, nem a maioridade attingira ainda; seu pae, o ministro G. fallecera muito moço seguido de perto pela esposa, Lady Mary; por esse tempo Frederick só contava dezoito annos. Na cidade dezoito annos não fazem um longo periodo, mas n'um deserto — magifico deserto como o velho solar — os passos do tempo que se precipita, ecoam com significação mais intensa.

Por circumstancias especiaes da administração de seu pae, o moço barão pelo fallecimento d'este entrou immediatamente na posse de seus vastissimos dominios. Raros eram os senhores da Hungria que podiam dispôr de tão extensos bens. Seus castellos eram incontaveis, e o primeiro em grandezza e luxo era sem duvida o Palacio de Metzengerstein. A linha que lhe demarcava as dependencias, jámais fóra claramente definida, mas o parque principal abrangia uma area de mais de cincoenta milhas.

Após a successão a essa fortuna incomparavel, de um proprietario tão moço sobre cujo caracter já poucos se illudiam, nenhuma duvida restou sobre o provavel programma de conducta que elle ia tomar. Effectivamente, durante o prazo de tres dias, a attitude do herdeiro passou além de todas as expectativas. Actos vergonhosos de devassidão, traições flagrantes, atrocidades sem nome, deram a en-

tender bem depressa aos tremulos vassallos que nem a mais prompta servilidade da sua parte nem o mais leve pundonor de consciencia do amo, seriam sufficientes d'ora avante para lhes garantir alguma segurança entre as garras sem remorso de um mesquinho Caligula.

Na noite do quarto dia descobriu-se que um violento incendio lavrava nas cavallerias do castello Berlitzing e a voz do povo augmentou com a accusação de incendiario a já hedionda lista de crimes do barão.

Ora, enquanto tumultuosamente se agglomerava gente, tentando prestar soccorro, o moço barão estava sentado n'uma ampla e desolada sala, situada nas regiões mais altas do palacio Metzengerstein, e parecia mergulhado em profunda meditação.

Opulentos brocados, sedas colgantes, e ricas tapeçarias desbotadas pelos seculos, balouçavam-se melancolicamente penduradas das paredes e reproduziam no seu desenho caprichoso e allegorico os vultos sobranceiros de mais de mil antepassados illustres.

Aquí, padres e dignatarios pontifices ricamente revestidos de arminhos, sentavam-se familiarmente com os autocratas e os soberanos e punham um veto aos desejos de um rei temporal fazendo dobrar, com ameaça de bulla excommungatoria, os joelhos mais rebeldes. Além as severas e altivas estaturas dos Principes de Metzengerstein montados em fogosos corceis cujas patas musculosas machucavam as carcassas do inimigo derrubado — sobresaltavam com a expressão feroz os nervos menos tímidos. Mais adeante os vultos gracilmente voluptuosos das damas de outr'ora pareciam esbater-se na penumbra e desaparecer afinal nas voltas e requebros de alguma dança fabulosa ao som de melodias imaginarias. Mas enquanto o barão escutava ou fingia escutar a bulha que crescia nas cavallerias de Berlitzing, ou talvez estivesse ponderando algum acto de malvadez mais audaz ainda, o seu olhar relanceando em volta com distração, pousou lentamente sobre o vulto de um enorme cavallo de côr extranha, representado na tapeçaria como pertencendo a um antepassado da familia de seu rival.

No primeiro plano salientava-se o enorme ginete, immovel como uma estatua, e via-se por traz d'elle o dono já derrubado na herva, expirando afflictivamente sobre o punhal de um Metzengers'ein. Os labios de Frederick assumiram uma expressão diabolica quando percebeu qual a direcção tomada pelo olhar inconsciente, não o removeu porém, pelo contrario, tornava-se-lhe inexplicavel a sensação angustiosa, que a pouco e pouco lhe ia opprimindo a alma e parecia querer envolver-lhe os sentidos na rigidez de uma mortalha mar-morea.

Julgara incompativel este estado de sonho e sensações incoherentes com a certeza de não ter adormecido. Quanto mais fitava a extranha tapeçaria mais absorvente se tornava o feitiço e sentia crescer em si uma grande impossibilidade de jámais se arrancar áquella tyrannica fascinação. Mas lá fóra crescendo subitamente o alarido, com violento esforço desviou a attenção para o clarão de luz rubra que as chammas do visinho incendio projectavam nas vidraças do salão.

Este movimento foi momentaneo e rapido como um relampago; machinalmente os seus olhos voltaram a fixar-se na parede; com grande espanto e terror seu, viu que entrelanto a cabeça do gigantesco ginete alterava a sua prévia posição; o pescoço do animal que antes se curvava compassivo sobre o corpo derrubado do dono, estava agora todo voltado, e estendido quanto podia para o lado do Barão; os olhos, antes invisiveis, scintillavam agora com uma vermelhidão pouco vulgar, comportando uma expressão humanamente enérgica; e os beiços apertados do enraivecido cavallo deixavam a descoberto os dentes amarellos e sepulchraes.

Assombrado, o joven fidalgo dirigiu-se a cambalear para a porta... quando a abriu, de repellão, um lampejo de luz vermelha atirou com a sua propria sombra, recortando-a n'um perfil quasi tangível, sobre a tapeçaria que tremulava na parede; e elle estremeceu ao perceber que essa sombra, como elle titubeasse no limiar da porta prezo de vertigem, tomava a posição exacta e preenchia precisamente o contorno do implacavel e triumphante assassino do conde Berlitzing.

Para fugir á oppressão esmagadora do seu espirito, o Barão precipitou-se lá fóra a procurar o ar livre ao pé da entrada principal do palacio e encontrou tres dos seus escudeiros que, a custo de muito esforço e com perigo imminente de vida, tentavam soffrear os impulsos convulsivos de um formidavel cavallo côr de fogo.

«De quem é esse cavallo? onde o foram buscar?» perguntou o mancebo com voz rouca e quereladora, percebendo immediatamente que o furioso animal que tinha á vista era o mysterioso corcel da tapeçaria do salão.

«Pertence-vos meu senhor» respondeu um dos escudeiros «ou pelo menos nenhum outro dono o pode chamar seu; deitámos-lhe um laço, quando o vimos saltar fumegante e espumante de colera, das estrebarias a arder, do Castello Berlitzing; suppondo-o pertencer ás manadas de cavallos estrangeiros do velho conde quizemos entregal-o de onde tinha fugido, mas os grooms do castello, negaram terminantemente conhecer o animal; o que é singular pois elle traz vestígios bem claros da passagem difficilissima através das labaredas.»

— «As letras W. V. B., vêem-se-lhe tambem marcadas distintamente na perna» interrompeu um segundo escudeiro «suppoz naturalmente serem as iniciaes de Wilhelm Von Berlitzing mas todos os creados do castello affirmam categoricamente que nunca viram semelhante cavallo!»

«Extremamente singular» disse o moço Barão, com ar pensativo e apparentemente distrahido «elle é como vocês dizem um esplendido cavallo — um cavallo extraordinario, ainda que, conforme muito bem observam, seja dotado de em genio intractavel e suspeito... Fica pois sendo propriedade minha... talvez um cavalleiro como Frederick Von Metzengerstein saiba quebrar a furia ao proprio demonio fugido das cavallerias do Berlitzing.»



... saltou fumegante e espumante de colera das estrebarias a arder

«Enganae-vos meu senhor, o cavallo como já dissemos não sahia das cavallerias do conde; de contrario não teriamos o atrevimento de o trazer á presença de um fidalgo da vossa linhagem; sabemos o nosso dever.»

«Está bem, disse o Barão seccamente e n'esse momento um pagem dos seus aposentos particulares sahio rapidamente do palacio e, muito fogueado, acercou-se do seu senhor, murmurando-lhe ao ouvido a narração do subito desaparecimento de um pedaço de tapeçaria pertencente ao salão nobre da torre, e entrou em detalhes muito circumstanciados, ácerca do mesmo extranho acontecimento, mas em voz tão baixa falava, que nada transpirou para a satisfação da excitada curiosidade dos moços da cocheira.

O joven Frederick, que durante esta conferencia apresentava signaes inequivocos de violenta agitação, depressa conseguiu compôr a physionomia e uma expressão de rara malevolencia assentou no seu semblante enquanto asperamente dava ordem para que as portas do referido salão fossem immediatamente encerradas e a chave lhe fosse entregue sem demora.

— «Já ouvistes falar da desastrada morte do velho caçador, o conde Berlitzing, disse para o Barão um dos seus vassallos, depois da sahida do pagem, enquanto o enorme ginete adoptado pelo moço titular, era conduzido á mão pela longa avenida de vetustos carvalhos que levava da porta do palacio ás amplas cavallerias de Metzengerstein e com redobrado furor escouceava e escarvava o solo, levantando nuvens de pó, em torno dos estribeiros:

— «Não!» disse o Barão, voltando-se bruscamente para o seu interlocutor «falleceu, dizeis?»

— «E' verdade meu senhor, e para um fidalgo do vosso nome essa noticia não será mal recebida.»

Um rapido sorriso relampejou no rosto do Barão.

— «E que deu causa á morte d'elle!»

— «Fez esforços temerarios para salvar uma parte dos seus predilectos cavallos de caça e arriscou-se tanto, que morreu miseravelmente nas chammas do incendio.»

— «Ah sim» proferiu o Barão como se lentamente se deixasse impressionar com a realisação de um facto esperado.

— Sim, meu senhor, repetiu o vassallo.

«E' horrivel» disse placidamente o mancebo e voltou para o palacio os passos vagarosos.

Desde esse dia uma alteração notavel se pode observar na attitude exterior do libertino moço Barão Frederick Von Metzengerstein. Realmente a sua conducta foi um perfeito desacordo com os costumes e habitos da aristocrata parentela dos solares circumvisinhos. Nunca mais lograram encontral-o fóra dos limites dos proprios dominios e no vasto mundo não tinha um amigo... a não ser que aquelle cavallo selvagem e côr de fogo que incessantemente montava, podesse ter algum direito mysterioso ao nome de amigo.

Frequentes convites da parte da visinhança, batiam periodicamente ás portas do palacio:

— «Dá-nos a honra o Barão de vir assistir á nossa reunião?» ...

— «Quer acompanhar-nos, o Barão n'uma batida aos javalis?» ...

— «Metzengerstein não caça.»

— «Metzengerstein não aceita» eis as unicas e laconicas respostas que obtinham dos labios sacudidos do extranho mancebo.

Estes insultos repetidos não podiam fazer bom effeito nem ser bem acolhidos por uma nobreza de animo imperioso; tornavam-se menos cordiaes os convites, mais raros, e cessaram finalmente, deixando que o solitario Barão corresse solitariamente os seus vastos desertos; alguma alma caritativa, querendo esquecer o passado e o curto mas infame periodo que succedeu á morte prematura dos paes de Frederick, houve por bem attribuir a sua mudança de genio ao amor filial ferido por tão cruel perda; outras suggeriram um accesso doentio de morbida e hereditaria melancolia e algumas pouco generosas allusões de natureza equívoca correram por entre a plebe.

Realmente o laço estreito de affeição que parecia unir o Barão, ao seu ultimo adquirido corcel, laço que apparentava maior consistencia e intimidade a cada nova façanha do endiabrado animal, tornava-se inexplicavel e convertia-se n'um sentimento repulsivo de indignação aos olhos de qualquer homem sensato.

Sob as soalheiras do meio dia — por horas mortas da alta noite — na calma ou na tormenta — com saude ou quebrado de fadiga — o joven Metzengerstein parecia aparafusado á sella do colossal cavallo, tão insaciavel como elle, sedento da rudeza bravia dos matagaes, trilhando em carreiras desorientadoras os atalhos mais reconditos e mais negros das suas negras florestas.

Circunstancias havia que, associadas com os ultimos acontecimentos, davam um caracter sobrenatural e de mau agouro á mania do cavalleiro e ás capacidades infernaes do seu ginete. Medira-se com cuidado o espaço de terreno galgado por elle n'um só arranco e confirmara-se que excedia por uma differença assombrosa a mais fantastica expectativa das pessoas de mais viva imaginação. Accresce que o Barão não dera nome especial ao animal, apesar de ter mostrado sempre particular empenho em distinguir com uma denominação característica cada um dos corceis das suas cavallariças. Ninguem, a não ser o proprio dono, se arriscou jámais a fazer a limpeza do cavallo e a prestar-lhe todos os outros serviços requisitados, e ninguem se atreveu nunca a penetrar na sua estrebaria particular, situada propositadamente a certa distancia das outras; tambem se poude averiguar, que embora tres moços de cocheira tivessem conseguido atalhar a fuga do animal, lançando-lhe um laço de corda quando saltava resfolegante do brazido, nenhum d'elles podia affirmar ter-lhe tocado com a mão, nenhum sentira debaixo dos dedos a forma tangivel do seu pello eriçado. Os mais scepticos não sorriam já, ao ouvir narrar pelos familiares do palacio, casos extraordinarios que se succediam dia a dia.

Acontecia incessantemente que a turba curiosa de esculdeiros, acercando-se immediatamente do mysterioso corcel quando conseguiam avistal-o dentro dos pateos de serviço, debandava afflictivamente, sacudida por um longo arripio, ao observar o modo, profundamente significativo, que elle tinha de raspar o solo com as mãos; e alguém vira um dia o joven Metzengerstein empallidecer e recuar deante do olhar rancorosamente humano que o animal relanceara sobre elle.

Comtudo não havia quem duvidasse d'aquelle singular effeito que parecia prender o moço Barão ao irracivel ginete, a não ser que fosse um pagemsito disforme, especie de bobo, que tinha por profissão de metter o nariz em toda a parte, como se costuma dizer, e que tivera o pouco recato de affirmar um dia aos seus companheiros, que seu amo nunca saltara para a sella sem que um inexplicavel e quasi imperceptível tremor lhe não sacudisse as mãos, e que no regresso de todas essas habituaes e incessantes excursões pela floresta trazia sempre no rosto uma expressão de malevolo e vingativo triumpho que lhe contorcía todos os musculos da physionomia.

Ora, por uma noite tormentosa, Metzengerstein, despertando pesadamente de um somno fatigante, desceu como um allucinado as altas escadarias da sua torre e veio montar a cavallo com frenetica pressa, embrenhando-se pouco depois nos densos negrúmes da floresta açoutada pelo vendaval.

Uma occorrença tão vulgar não attrahiria decerto as attentões de ninguem e poucas horas depois da sua partida não seria o seu regresso aguardado com tão excepcional impaciencia se uma tremenda catastrophe não tivesse vindo assaltar o impavido Palacio de Metzengerstein.

Viram-se as magnificas muralhas estremeceer até ás profundezas dos seus alicerces e abrirem brechas de alto a baixo, e os terraços e torreões desmoronarem-se com estrondo sob a influencia pavorosa de uma massa de fogo livida e indomavel no seu brusco desenvolvimento.

As labaredas, quando se deu por ellas, já tinham feito tão terrivel progresso que foram baldados todos os esforços empregados na salvação de qualquer parte do edificio e a turba dos vassallos, reduzidos á inactividade, assistia de braços cruzados e n'um silencio apathico ao medonho desencadeamento dos elementos quando um novo objecto mais digno ainda de inspirar terror veio provar que por assombrosos que sejam os phenomenos da materia inanimada, o espectáculo da angustia humana, ainda confrange mais doadamente a alma da multidão.

Pela longa alameda de arvoredos frondosos que surgindo da floresta vinha desembocar debaixo dos varandins do Palacio de Metzengerstein, via-se um cavalleiro n'um galope desenfreado, cabelo ao vento e estribos soltos; uma nuvem densa de pó e folhas secas redemoinhava atraz d'elle e as patas do cavallo rasgando a areia que fais-

cava, arremessava-a com estrondo de encontro aos troncos de cavallo cuja casca voava em estilhaços.

Esta carreira vertiginosa, era sem duvida indomavel e contra vontade do cavalleiro; via-se-lhe a attitudé afflictiva, o rosto contrahido, os cabellos eriçados, percebia-se a resistencia convulsa do corpo todo, crispado na sella n'um esforço sobrehumano para domar o animal; mas nenhum som, a não ser um só guincho estridente que lhe sahia dos labios retalhados pelos dentes até ao sangue, no intensidade do seu pavor. Uns minutos mais... e o ruido penetrante dos cascos ressoou por cima do rugido das chammas e do ranger do vendaval; mais um segundo... e transpando de um salto a grade de ferro e o largo fosso que circumdava o edificio, o cavallo galgou as esplendidas escadarias de marmore já meio desmoronadas, e levando o cavalleiro despenhou-se com elle e desapareceu n'um chaos de labaredas.



... desapareceu n'um chaos de labaredas

A violencia da tormenta abrandou immediatamente e succedeu-se-lhe um silencio profundo. Longos farrapos de lume branco envolveram como n'um sudario o velho solar e alastrando serenamente na calma atmospherá despediram um grande clarão de luz sobrenatural, enquanto que uma espessa camada de fumaraca negra subia pesadamente até ás altas setteiras e desenrolava no ar a sombra de um colossal cavallo.

EDGAR POE.

Certo peralvilho, possuidor d'uma physionomia agradavel e d'uma bella estatura, querendo ridicularisar uma senhora lindissima que nenhum caso fazia dos seus galanteios, disse um dia em publico, de fórma que ella ouvisse, que a pequenez da sua estatura a fazia desmerecer muitissimo.

— Não duvido, respondeu ella, mas v. ex.^a assemelha-se muito áquellas casas muito altas cujas aguas furtadas são sempre o andar mais mal mobilado.



Alberto Pereira Magno

(† em 23 de agosto de 1906 em resultado do desastre succedido no Tejo, em frente do Paço de Arcos, na regata das canoas monotypos)

D. Miguel de Bragança



D. Miguel de Bragança
e sua esposa a Senhora D. Maria Thereza de Bragança



Os dois grupos que o *Brasil-Portugal* hoje publica: um de D. Miguel de Bragança com sua esposa e outro do mesmo príncipe com os seus dois filhos mais velhos, evocam a lembrança de uma família que, apesar de exilada, tem sabido manter-se bem portugueza e cujo chefe festeja o seu aniversário natalício a 19 de setembro.

Folga o *Brasil-Portugal* sempre de fazer justiça a quem a merece sem se importar com a ideia política de cada um, porque em todos os campos ha talentos de grande valor, caracteres diamantinos e almas de bons patriotas.

D. Miguel de Bragança tudo isto reúne e por isso, tornando-se merecedor da leal dedicação de alguns, tem ao mesmo tempo sabido conquistar o respeito de todos.

Homem de valor, lendo sempre e tendo viajado muito, está a par de todas as litteraturas e conhece todas as grandes descobertas scientificas nos seus menores detalhes.

Do seu caracter falla bem alto a sua amizade por todos os que o servem, por todos aquelles que seguem as ideias politicas por elle representadas e, ainda ha bem pouco, a sua gentileza para com a Rainha Senhora D. Amelia, ordenando á direcção do partido legitimista que em seu nome apresentasse a sua augusta prima os seus sentimentos pela enorme desgraça que a tinha ferido.

Do seu caracter falla bem alto a sua amizade por todos os que o servem, por todos aquelles que seguem as ideias politicas por elle representadas e, ainda ha bem pouco, a sua gentileza para com a Rainha Senhora D. Amelia, ordenando á direcção do partido legitimista que em seu nome apresentasse a sua augusta prima os seus sentimentos pela enorme desgraça que a tinha ferido.

E' conhecido o seu interesse pelas cousas portuguezas, a educação dada a seus filhos, a leitura que faz dos jornaes de todas as côres politicas, o bem que lá fora, no exilio, recebe todos os portuguezes sem distincção, e a sua attitude nobilissima quando foi do *ultimatum* da Inglaterra.



Politica internacional



Não ha duvida que no momento actual são os paizes musulmanos os que estão em fóco, attraíndo a attenção geral pela excepcional importancia dos acontecimentos que n'elles se vão dando. E' novamente Marrocos, cuja crise politica parece ter chegado ao estado agudo pela repentina derrota de Abdul-Aziz, o protegido da França, e pela proclamação de Muley-Hafid, o candidato da Allemanha. E' a Persia, onde continua ferozmente a lucta entre realistas e constitucionaes, lucta que tem posto a ferro e a fogo a cidade de Tabriz e que parece pelas ultimas noticias dever ter como desfecho a victoria dos defensores da constituição. E' finalmente a Turquia, onde acaba de realizar-se a mais extraordinaria de todas as revoluções, e que póde pela sua inesperada e repentina attitude modificar profundamente a orientação da politica internacional. São, como se vê, problemas de excepcional importancia os que na hora presente se debatem em tres dos mais importantes paizes do Islam, nos tres unicos mesmo que gozam de uma completa independencia, porque nas demais regiões, onde o elemento mahomentano predomina, está elle politicamente sujeito a soberanias estrangeiras, como na India e em Java, dominado pelos inglezes e pelos holandezes. Começemos pela Turquia.

Como se vê, problemas de excepcional importancia os que na hora presente se debatem em tres dos mais importantes paizes do Islam, nos tres unicos mesmo que gozam de uma completa independencia, porque nas demais regiões, onde o elemento mahomentano predomina, está elle politicamente sujeito a soberanias estrangeiras, como na India e em Java, dominado pelos inglezes e pelos holandezes. Começemos pela Turquia.



D. Miguel de Bragança e seus filhos os Principes D. Miguel e D. Francisco

Repetimos outra vez o que já tivemos occasião de dizer n'uma revista anterior. O que acaba de se passar na Turquia foi de tal maneira inesperado, que parece mais pertencer ao dominio do sonho do que á realidade. Quando estamos acostumados a assistir, até nas nações mais civilizadas, a revoluções sangrentas e desor-

Ao lado d'esta generosidade sem igual, que poupa o seu mais implacavel inimigo, que lhe dá mesmo o primeiro logar no novo regimen triumphante, o que é essa ephemera fraternisação, em que tanto se falla, da celebre noite de 4 de agosto de 1789, na assembleia nacional franceza? Bastará lembrar que o pobre Luiz XVI foi levado ao cadafalso pela revolução victoriosa, e que Abdul Hamid é pela mesma revolução sagrado como o primeiro dos seus representantes!...

NO RIO DOURO. — Regata do "Sport Club do Porto,"



Os vencedores da 1.ª serie

denadas, que tantas lagrimas e soffrimentos custam áquelles que a ellas recorrem como ao recurso extremo, presenciamos no imperio ottomano, na terra classica da escravidão politica, da espionagem e do obscurantismo inconsciente das massas, uma revolução ideal, tão incruenta, tão pacifica e tão generosa, como jámais a sonhou o mais ingenuo devaneador politico. Os odios tanto tempo reprimidos, que em presença do triumpho da causa revolucionaria deviam explodir em implacaveis e, digamos sem hesitar, em justificadas vinganças, calaram-se subitamente, transformando-se em amoveis expansões do mais fraternal altruismo, que abrange no

O que mais admira na actual revolução turca é a sua moderação e a segurança com que, sem exagerações, a obra de reforma e de saneamento politico se vae realisando. Se até ao fim o movimento "joven-turco", conservar este caracter, póde affirmar-se que a Turquia terá dado ao mundo uma grande lição. Compare-se, por exemplo com o que se passa em Constantinopla o caminho que vae levando a revolução russa, quasi affogada hoje pela reacção triumphante. E' do lado do imperio ottomano, que está a civilisação e a



No Rio Douro. — REGATA DO «SPORT CLUB DO PORTO». — Os vencedores da 3.ª serie, chegando á balisa

mesmo perdão os mais atrozes attentados e os mais confessos criminosos, sem exceptuar o auctor responsavel de tudo, esse desprezado Abdul-Hamid, que a Europa estava costumava a só reconhecer pelo affrontoso stygma, que lhe imprimira na fronte o grande Gladstone. Pois até elle é um collaborador na obra da regeneração d'essa terra, que ha mais de trinta annos o tinha como detestado despota. Parece um sonho. E no entretanto está-se isto passando, não muito longe, em Constantinopla, á nossa propria vista.

moderna comprehensão da liberdade. Do lado do imperio russo está o retrocesso, a barbarie oriental e o desprezo mais completo pelas aspirações do paiz. De modo que n'um momento se invertiram os papeis com relação ás duas nações. Até aqui era a Russia, que em nome da moderna Europa se arrogava o direito de impôr a sua mal disfarçada suzerania aos turcos. De hoje em diante serão estes os que poderão ensinar ao tsar o respeito pela vida e pela liberdade dos cidadãos ..

Um unico ponto negro se divisa no brilhante quadro da revolução turca. Será duradoura a moderação que até agora ella tem mostrado? Continuarão a harmonia e o accordo entre as diversas nacionalidades do imperio até se levar a cabo a obra da commum libertação? Não virão dentro em pouco as rivalidades, sobretudo as religiosas, atear novamente a discórdia entre as diferentes raças submettidas á soberania do sultão? São estas interrogações as que n'este momento em toda a Europa se formulam, e da resposta que o proximo futuro tiver de dar-lhes depende a sorte do movimento "joven turco", tão auspiciosamente iniciado.

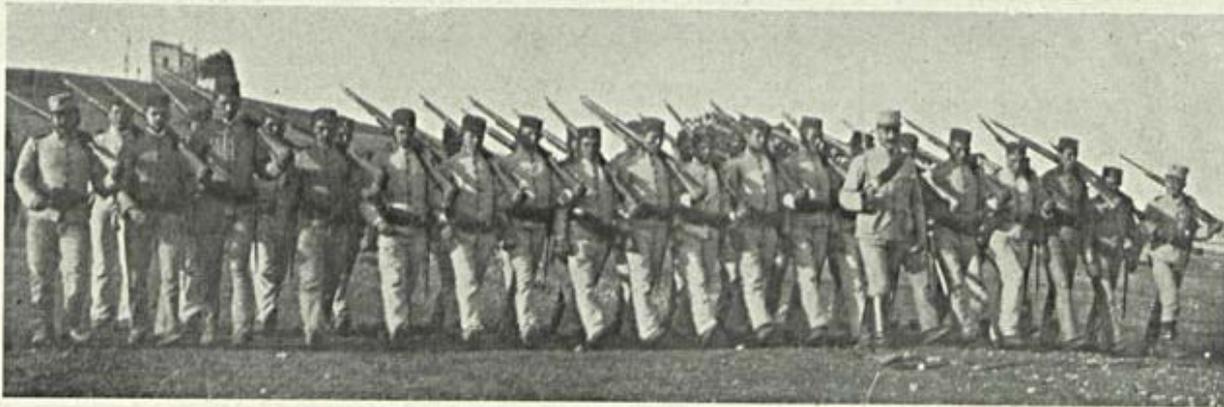
E' na verdade um interessante problema historico e sociologico o que n'este momento em Constantinopla se está resolvendo, e não devemos occultar que, dados os precedentes similares, não é sem uma certa inquietação que aguardamos a solução final. Poderá, contra o que a sociologia nos ensina, uma simples mudança de re-

das as conquistas liberaes dos primeiros dias. E' impossivel que a Russia queira ficar atraz da Turquia, e que não sinta bríos para se libertar do jugo que outra vez lhe estavam preparando, depois do que acaba de succeder no imperio visinho. E até já se falla n'um movimento constitucional no Egypto, com o fim de obrigar o Khe-diva a outorgar uma constituição ao seu povo! Como se vê o movimento principiado em Monastir vae-se tornando contagioso e ameaça transformar uma boa parte das nações ainda refractarias ao direito publico moderno.

Mas se a influencia do exemplo é grande, a acção immediata internacional da revolução turca não vae ser menor. O assumpto, porém, é de tal modo importante que não é para ser tratado n'um final de artigo. Ficará por isso para a proxima chronica.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Revista dos reservistas



Desfilando em frente de El-Rei

(Cliché de A. C. Lima).

gimen politico ser remedio eficaz para os males de que soffre a sociedade turca? Não ha duvida que o governo do estado passou a ser, queremos acreditar-o, genuinamente constitucional. Acabou a influencia da camarilha e o reinado da espionagem. As prisões abriram-se de par em par para restituir a liberdade os patriotas, que ali jaziam encerrados. A imprensa deixou de estar sujeita á censura, que a tinha transformado em cúmplice da tyrannia. Mas por ventura a influencia d'estas medidas salutaes e de outras que, não temos duvida, no mesmo genero se hão de seguir, terão o poder de repentinamente modificar a alma do turco, profundamente deformada por tantos seculos de despotismo? Acabou-se o despotismo; mas não continuará a subsistir na maleabilidade dos que até hoje foram escravos o terreno apropriado para futuros despotismos? Acabaram se os espíes; mas não permanecerá ainda o espirito da "espionagem"? Decretou-se a egualdade e a liberdade das diversas religiões; mas porventura o mahometismo deixará de ser o credo supersticioso e enervante, que por todo o mundo do Islam soffoca as iniciativas e mata á nascença as mais tímidas velleidades de autonomia intellectual? A escola livre vae ser fundada para n'ella se receberem as novas gerações; mas porventura essa radiosa perspectiva illuminará repentinamente a ignorancia da geração presente, que tem de servir de base á transformação annunciada pela revolução? A maneira, como cada uma d'estas interrogações tem de ser respondida, interessa no mais alto gráo o politico e o sociologo. Por isso nós repetimos, que os problemas que n'este momento se debatem em Constantinopla são não sómente interessantissimos, mas revestem tal caracter de generalidade, que podem dizer se de capital importancia para todas as nações. A revolução turca vae ensinar nos se precisamos modificar algumas das paginas da sociologia, que até agora nos ensinavam...

Se a revolução turca, considerada em si, é o extraordinario acontecimento que acima deixamos esboçado e que com razão está enchendo de espanto a Europa inteira, as consequencias internacionaes, que d'ella vão derivar, são incalculaveis e podem contribuir para completamente modificar a relação das diversas potencias entre si.

E antes de tudo não póde passar despercebida a influencia que o movimento "joven turco", vae exercer na Persia e na Russia—nos dois paizes onde o regimen constitucional está lutando contra todas as forças da reacção, que procuram soffocal-o. Tanto n'uma como n'outra nação a causa da autocracia, depois do que acaba de succeder em Constantinopla, está irremediavelmente perdida. Na Persia os revolucionarios de Tabriz, animados pelo exito dos seus correligionarios do Bosphoro, cobraram já novo alento, e póde desde hoje considerar-se como perdida para o Shah a partida, em que elle está empenhado.

Na Russia tambem os constitucionaes vão ganhar outra vez a força moral, que lhes ia faltando, e póde antever-se igualmente o mallogro da contra-revolução que pouco a pouco ia annullando to-

D. Antonio Luiz Pereira Coutinho Pacheco Pato de Novaes Pimentel (Marquez de Soydos) e sua neta Maria da Madre de Deus



Marquez de Soydos

1 a 9 de agosto de 1908

D. Antonio Luiz Pereira Coutinho Pacheco Pato de Novaes Pimentel, 9.º administrador do morgadio de Soydos, 5.º Visconde de Santo Antonio, 5.º Marquez de Soydos, Grande Hespanha da 1.ª classe, moço fidalgo, representante dos Pereiras Patos, de Alcochete, Novaes Fimenseis, de Aldeia Gallega, representante dos Coutinhos e Pachecos e senhor donatario dos reguengos do Carlaxo e Valle da Pinta, nasceu em Lisboa a 9 de Agosto de 1818 e falleceu em Alcochete no dia em que completava 90 annos de idade.

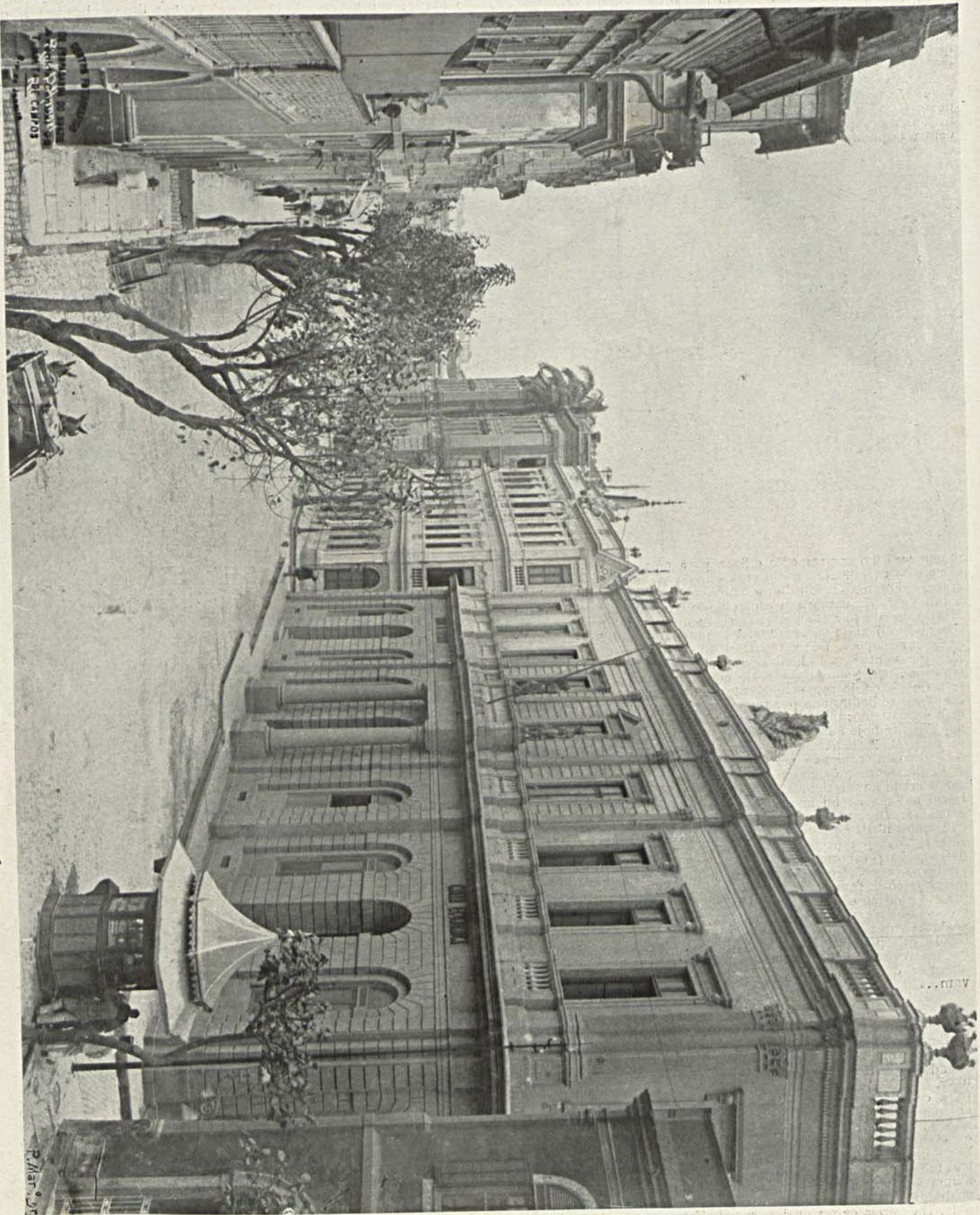
Frequentou as aulas dos frades de S. Vicente e as do Collegio dos Nobres e mais tarde, em 10 de Outubro 1833 assentou praça no exercito realista, na 3.ª companhia do regimento de artilharia da corte. Mudou depois para o regimento de caçadores da Beira Baixa onde chegou ao posto de alferes e finalmente, quando foi da Convenção de Evora Monte, era tenente do batalhão de caçadores n.º 11.

Depois da queda do antigo regimen, vendo-se perseguido bem como seu pae, o 4.º Marquez de Soydos que ainda chegou a estar no Linoeiro, emigrou para a Italia d'onde só mais tarde regressou.

Em 22 de Abril de 1844 casou com D. Maria José da Graça Telles de Mello de Almeida Matheiros a qual veiu a fatlecer a 6 de Outubro de 1866.

O Marquez de Soydos deixou sete filhos, trinta e sete netos e nove bisnetos.

A todos os illustres descendentes do nobilissimo fidalgo envia o Brasil-Portugal a expressão do seu profundo pesar.



RIO DE JANEIRO MODERNO. — Rua D. Manuel